



# Novos rumos da perspectiva enunciativa de Dominique Maingueneau: uma Análise do Discurso antibakhtiniana?

New directions in Dominique Maingueneau's enunciative perspective:  
an anti-bakhtinian discourse analysis?

Maria das Dores Nogueira MENDES\*

José Wesley Vieira MATOS\*\*

Maria Bianca da Silva MARQUES\*\*\*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma leitura do desenvolvimento teórico que o próprio Dominique Maingueneau vem imprimindo a sua perspectiva enunciativa de Análise do discurso. Os estudos do autor sobre as aforizações (Maingueneau, 2014), os textos da Web (Maingueneau, 2017), os enunciados aderentes (Maingueneau, 2022a) e a multilocução (Maingueneau, 2022b) contestam pressupostos teóricos tácitos atrelados a uma leitura generalizante de Bakhtin, principalmente no que tange às concepções de gênero do discurso e de interação. Intenta-se, assim, situar os novos prismas de análise delineados pelo autor em relação às suas propostas conceituais mais consolidadas e às linguísticas do discurso que tratam sobre a enunciação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Dominique Maingueneau. Bakhtin. Gênero do discurso. Interação.

**ABSTRACT:** This article presents an interpretation of the theoretical development undertaken by Dominique Maingueneau from his enunciative perspective, which posits heterogeneity in discourse. The author's studies on aphorization (Maingueneau, 2014), web texts (Maingueneau, 2017), adherent utterances (Maingueneau, 2022a), and multilocution (Maingueneau, 2022b) challenge implicit theoretical assumptions associated with a generalizing reading of Bakhtin, particularly in relation to conceptions of discourse genre and interaction. The aim is to position the new analytical prisms outlined by the author in relation to his more established proposals and other perspectives addressing enunciation.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Dominique Maingueneau. Bakhtin. Discourse genre. Interaction.

Artigo recebido em: 02.09.2023  
Artigo aprovado em: 31.10.2023

---

\* Doutora em Linguística pela UFC. Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC. [dasdores@ufc.br](mailto:dasdores@ufc.br)

\*\* Mestrando em Linguística pela UFC. [jose.wesley98@alu.ufc.br](mailto:jose.wesley98@alu.ufc.br)

\*\*\* Mestranda em Linguística pela UFC. [biancamarques@ufc.br](mailto:biancamarques@ufc.br)

## 1 Introdução

Apesar de Dominique Maingueneau ser um autor de intensa produtividade, nem sempre deixa tão evidente se há, ou de que modo ocorrem, as relações entre suas formulações. Assim, é que as mudanças e os desenvolvimentos que autor opera nos conceitos por ele próprio criados não constituem exatamente uma organização estrutural e progressiva, tampouco podem ser facilmente identificados como “fases” do autor. Se a pouca explicitude dos liames entre os conceitos, bem como a variação de nomenclaturas por parte do autor pode construir, por um lado, um efeito de caoticidade para seus escritos, por outro, confere aos princípios teórico-metodológicos por ele formulados a possibilidade de serem questionados pelas análises, o que facilita a abertura de novos caminhos investigativos.

Julgamos que o fato do autor estar constantemente refinando e expandido sua perspectiva enunciativa de Análise do Discurso não anula a validade das suas reflexões anteriores, mas as recoloca em um prisma crítico para reconhecimento de seus limites, contribuindo, desse modo, para sua reorganização. Em vista disso é que apreender a rede teórica que vem sendo delineada por Maingueneau pode se tornar um desafio de constante atualização<sup>1</sup> e revisitação, o que confere ao autor, de certo modo, uma posição paradoxal no ambiente acadêmico.

Tal ambivalência ocorre na medida em que seus seguidores, surgidos em decorrência do crescente reconhecimento do potencial heurístico de suas propostas, desde antes da virada do milênio, discutem, replicam e atualizam os conceitos mais rentáveis, ao passo que o autor, sem abandonar certa abordagem particular, parece mover-se em busca dos seus pontos cegos.

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos tradutores do Grupo de pesquisa Discurso, cotidiano e práticas culturais - Grupo Discuta (UFC) que nos permitiram ter acesso, em português brasileiro, aos textos de Maingueneau publicados em outras línguas. Especificamente, a Adriano Souza Marinho, Janaina Muniz Cavalcante, Maria Nielma Gonçalves Belo e Wesley Batista Lopes.

Bakhtin (leia-se o Círculo), por outro lado, já é um pensador consagrado, cujas ideias, conforme detalha Costa (2015), impactaram a ciência moderna da linguagem e sobremaneira o campo das análises dos discursos (doravante AD) e, conseqüentemente, a própria perspectiva de Maingueneau. Sua influência marca uma terceira fase da AD, na qual Maingueneau é tradicionalmente inserido e que é centrada na primazia do interdiscurso sobre o discurso, numa superação do (intra)discurso como sistema fechado. Contudo, algumas passagens das publicações mais recentes de Maingueneau podem causar certa inquietação aos leitores das propostas bakhtinianas mais consagradas:

(...) questionarei outra faceta do pressuposto de que o universo do discurso é homogêneo: a ideia de que todo enunciado (falado ou escrito) é um texto que pertence a um gênero (Maingueneau, 2017, p. 4, tradução nossa<sup>2</sup>);

(...) essas inovações técnicas [da Web] questionam o pressuposto segundo o qual a comunicação vai de uma instância dotada de consciência a outra, ou ainda aquela segundo a qual os enunciados podem ser verdadeiramente situados, remetidos a uma fonte identificável e a um lugar (Maingueneau, 2021, p. 7, tradução nossa<sup>3</sup>);

Além do fato de os enunciados aderentes não serem produzidos por falantes humanos em interação, eles se desviam do modelo dominante de comunicação por serem indissociáveis dos suportes materiais (Maingueneau, 2021, p. 11, tradução nossa<sup>4</sup>).

---

<sup>2</sup> I will question another facet of the presupposition that the universe of discourse is homogeneous: the idea that any utterance (spoken or written) is a text that belongs to a genre.

<sup>3</sup> (...) ces innovations techniques mettent en question le présupposé selon lequel la communication va d'une instance douée de conscience à une autre, ou encore celui selon lequel les énoncés peuvent être véritablement situés, référés à une source identifiable et à un lieu.

<sup>4</sup> Outre le fait que les énoncés adhérents ne sont pas produits par des locuteurs humains en interaction, ils s'écartent du modèle dominant de la communication parce qu'ils sont indissociables de supports matériels.

Desse modo, diante das afirmações de Maingueneau que parecem contestar alguns pressupostos ligados a Bakhtin e o círculo, buscamos cotejar esses quadros teóricos para aclarar como Maingueneau, ao mesmo tempo em que se filia, também reestrutura certos pressupostos bakhtinianos.

Ligada a nosso objetivo, a principal hipótese que defendemos é a de que o incessante movimento de Maingueneau para desenvolver sua formulação teórica acerca da heterogeneidade do discurso (Maingueneau, 2017) parece ir de encontro a duas atitudes que podem ser encontradas no contexto acadêmico brasileiro. A primeira diz respeito a operar uma seleção excludente nos escritos do autor, atribuindo assim a determinadas obras e conceitos um valor suplementar<sup>5</sup>. A segunda tem relação com considerar como válidas, para todos os tipos de enunciados, algumas noções do autor, e outras não, apesar de não haver na abordagem de Maingueneau, diferentemente do que ocorre no imaginário epistêmico moderno da Linguística, essa pretensão de construir um dispositivo teórico generalizado.

## 2 Dialogismo e o primado do interdiscurso

Apesar de o dialogismo poder se configurar mais como possibilidades de sentido construídas pelas obras do Círculo do que propriamente como uma concepção estrita nos trabalhos de Bakhtin (Volóchinov), recorreremos às três acepções que Fiorin (2011) apresenta para o conceito, por já apontarem as suas dimensões constitutiva (princípio de funcionamento da linguagem e da consciência do sujeito) e mostrada (marcação da presença do outro no próprio discurso do sujeito).

---

<sup>5</sup> A título de ilustração, observamos, ao pesquisar na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) um dado que corrobora tal afirmação: na busca geral por “ethos + maingueneau”, encontra-se 381 trabalhos relacionados; já pesquisando por “cenografia + maingueneau”, tem-se 185 investigações. Em contraste, na busca geral por “aforização + maingueneau”, encontram-se apenas 17 trabalhos relacionados. Ainda que consideremos a diferença temporal entre os conceitos, o quantitativo permanece desproporcional.

Brait parece ser ainda mais categórica no tocante à percepção do aspecto constitutivo da noção, ao afirmar “o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem” (Brait, 1997, p. 98), além de recorrer à visão que permeia a obra de Volóchinov (2017), qual seja a da compreensão dialética da linguagem como interação discursiva:

[...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos (Brait, 1997, p. 98).

Ainda que essa perspectiva interacionista, quando toma a interação como situação de comunicação concreta, não seja explicitamente prescrita em Bakhtin/Volóchinov, julgamos que ela possa produzir uma prototipia do esquema comunicativo: uma relação imediata entre dois interactantes. Tal matriz pode passar a atuar como um pressuposto da noção de dialogismo praticada pelos analistas de tradição bakhtiniana, podendo ser percebido na forma como Brait recorre a dimensão interacional do dialogismo e no modo como Pires (2002, p. 41) o define: “o diálogo entre interlocutores, baseado na interação fundadora da linguagem”.

Maingueneau é outro autor cuja perspectiva de Análise do Discurso também sofre os efeitos da noção bakhtiniana de dialogismo, sobretudo, do seu desenvolvimento pela distinção das heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz, haja vista que, em “Gênese dos discursos” (2008a), sua obra mais consolidada, o autor trata do primado do interdiscurso, ou seja, da precedência que as relações interdiscursivas têm sobre a suposta identidade discursiva fechada em si.

Mesmo privilegiando essa concepção forte de interdiscursividade, que o obriga a admitir “o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso” (Maingueneau, 2008a, p. 37), o autor propõe um refinamento da noção em uma tríade (universo, campo e espaço discursivos) e adverte que operará, “em um quadro restrito,

atribuindo [à] [...] orientação geral um quadro metodológico e um domínio de validade muito mais precisos” (Maingueneau, 2008a, p. 33).

Assim, independentemente da especificação requerida por Maingueneau, o primado do interdiscurso se inscreve na acepção constitutiva de dialogismo, a primeira que Fiorin (2011) descreve e a do fundamento da linguagem especificada por Brait (1997). No entanto, parece distanciar-se de uma espécie de dialogismo interacional, já abordada por nós, cujo ponto de vista teórico se estabelece a partir de um esquema comunicativo generalizado, a interação imediata entre dois interactantes.

Em vista disso, nos próximos tópicos, aprofundaremos como Maingueneau, sem se contrapor ao caráter interdiscursivo da linguagem, nem a constituição da consciência pela alteridade, diverge da perspectiva interacional do dialogismo que condiciona a interação a um tipo de comunicação.

### **3 Gênero discursivo, formas de textualidade e aforização**

Além do dialogismo constitutivo e “interacional”, os estudos do Círculo de Bakhtin têm como outra de suas propostas basilares a expansão da noção de gênero para todos os enunciados, categorizando-os como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2016, p. 12). Maingueneau (2010, p. 130), para quem os “gêneros são considerados dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados (...)”, destaca que, apesar das variadas aplicações, há uma base comum para esse conceito, já que seu “[...] significado é idêntico nos dois lados do Oceano Atlântico” (Maingueneau, 2010, p. 130). Em algumas produções mais antigas, Maingueneau (2006, 2013) propunha uma distinção entre gêneros conversacionais e instituídos, o que fez trabalhos como o de Grillo e Veloso (2007) e Cavalcanti (2013) o aproximarem da classificação bakhtiniana: gêneros primários e secundários.

No entanto, posteriormente, Maingueneau (2015) vai considerar a concepção de gênero ligada a Bakhtin muito ampla, na medida em que pode ser aplicada ao conjunto

de atividades não autônomas, como a injúria e a saudação (exemplos de gêneros primários para Bakhtin), ligadas a interações orais.

Tendo isso em vista, o autor também vai se autocorriger, reservando a nomenclatura “gênero” apenas para aqueles enunciados ligados ao regime que ele propõe como instituído e deixando de aplicá-la ao conversacional, certamente por considerá-lo como parte “[d]o conjunto dos esquemas pré-estabelecidos” dos quais a fala emana. Desse modo, Maingueneau (2015) julga pertinente separar dois regimes enunciativos distintos:

um regime instituído, que recobre gêneros autorais e rotineiros e para o qual a noção de gênero de discurso é plenamente válida, e um regime conversacional, no qual dominam “flexibilidade” e “desorganização relativa” (Kerbrat-Orecchioni, 1990: 115) e para o qual a categorização em gêneros de discurso é altamente problemática (Maingueneau, 2015, p. 113).

Para o autor, a atividade discursiva demanda uma complementaridade entre os dois regimes, por isso adverte que não há “(...) uma hierarquia de valor entre esses dois regimes em um ou outro sentido” (Maingueneau, 2015, p. 113). Assim, as conversas não são irrelevantes para o funcionamento das instituições, visto constituírem a base para formação dos gêneros, da mesma forma como o gênero não é uma forma “menos autêntica” da interação do que as conversas.

Além disso, esses regimes enunciativos implicam também na compreensão de outro conceito proposto pelo autor, as formas de textualidade. Para Maingueneau (2010, 2015), elas são divididas em conversacional, planejada e navegante, conforme a maneira como o texto se vincula a uma forma de mídia que lhe é constitutiva. A conversacional lida com parâmetros próprios da interação oral, principalmente oriundos da etnometodologia e análise da conversação. Já a planejada (que pode ser oral ou escrita) corresponde ao regime instituído, logo, à noção de gênero, e deve ser

operacionalizada a partir do conceito de cena enunciativa<sup>6</sup>. A navegante, por sua vez, corresponde aos textos na Web, que implicam mudanças na produção, na organização “desdiferenciada” e na leitura “móvel”.

A maneira como os estudiosos do discurso têm analisado os textos da web com parâmetros da textualidade planejada é uma prática criticada por Maingueneau (2017), tendo em vista que, para aqueles textos, ele propõe ser mais produtivo, em termos de cena enunciativa, deslocar a hierarquia tradicional cena englobante > cena genérica > cenografia para dar lugar à relação hipergênero<sup>7</sup> - cenografia.

Maingueneau (2015), a partir dessa diferenciação dos regimes, aponta que a categoria de gênero, então, não recobre todas as manifestações discursivas. Porém, há um pressuposto dominante em filosofia da linguagem de que toda enunciação se dá por um texto e este como contraparte de um gênero. No entanto, o autor (2010) destaca que há uma abundância de dados que não se enquadram na mesma lógica do texto, tais como os provérbios, slogans e citações célebres. Essas últimas, por exemplo, não são citações comuns, elas podem ser alteradas sem perderem a validade, pois não remetem a uma circunstância do locutor, mas à manifestação de seu pensamento invariável, pleno.

Isso leva Maingueneau (2014) a distinguir outros dois regimes de enunciação: um textualizante, para o qual a noção de gênero é pertinente, e um aforizante, que abarca as aforizações primárias (constitutivamente autônomas) e as aforizações secundárias (destacadas de um texto). Esse regime aforizante se distingue também em

---

<sup>6</sup> A compreensão da enunciação como encenação permite considerá-la simultaneamente como um quadro e um processo. Para análise, essa cena se divide em três: a cena englobante (que corresponde ao tipo de discurso, o caráter pragmático do enunciado), a cena genérica (que corresponde aos esquemas e expectativas de um ritual genérico) e a cenografia (que se trata da instância de legitimação criada no enunciado, estabelecendo as coordenadas da dêixis discursiva) (Maingueneau, 2015).

<sup>7</sup> Para o autor, hipergênero é uma categoria que recobre formatações pouco situadas no tempo e no espaço e com fracas restrições, como carta, entrevista e diálogo. O autor também utiliza a noção para classificar o que seriam as formas genéricas na Web, como o blog e a rede social. Para detalhamento da noção, conferir Maingueneau (2015).

termos de perspectiva sobre a comunicação e o sujeito. Enquanto em um gênero há papéis e estatutos definidos e de alguma forma “simétricos”, os interlocutores estão situados no mesmo plano, em uma aforização, há uma cena centrada no aforizador (o que era antes um locutor agora transformado por um terceiro em um tipo de enunciador) que se dirige a um auditório universal. Esse aforizador não é responsável por um dizer situado, um enunciado particular, mas visto como um Sujeito pleno que expressa sua consciência, sua verdade (Maingueneau, 2014, 2015). Além disso, a aforização não é destinada a ser respondida, mas comentada (Maingueneau, 2017).

Apesar de esses enunciados destacados funcionarem em uma oposição ao texto, eles só podem existir numa relação paradoxal com esse, tendo em vista que “(...) não escapam à regra porque se trata de frases extraídas de textos e que são colocadas em novos textos” (Maingueneau, 2013, p. 238). No entanto, o processo interpretativo distinto dessas “frases sem texto”, que não se separa do modo como estão dispostas, é que demonstra o movimento delas de quererem “saltar” do conjunto do qual fazem parte.

Esses regimes ligados às formas de textualidade e aos enunciados destacados começam, então, a revelar uma mudança na perspectiva de Maingueneau que lhe distancia de uma tradição de compreensão global dos fenômenos discursivos pela lógica do gênero.

#### **4 Interação, enunciados aderentes e multilocução**

Ao tratar da enunciação aforizante, Maingueneau observa que há uma oposição entre a “ideologia espontânea dos locutores, para os quais se diz o que se pensa, numa relação íntima entre uma expressão e um querer dizer” e “o ponto de vista dos especialistas do discurso – para quem, seguindo a filiação de Bakhtin, só há fala no interior do horizonte de um gênero de discurso” (Maingueneau, 2008b, p. 92).

O descompasso apontado pelo autor entre a ideia, amplamente aceita nas teorias do discurso, de que só se fala por meio de gêneros e a crença comum sobre o querer dizer estar em relação unívoca com o que é dito, sem que necessariamente atente ou se recorra a tal dispositivo comunicativo, mostra uma complexidade entre as interações como pode ser constatado no processo da aforização e em outras formas de comunicação.

Essa assunção de que “o postulado do interdiscurso não implica que esse interdiscurso tenha um centro, nem que seja homogêneo” (Maingueneau, 2008b, p. 41) faz com que Maingueneau não considere o dialogismo interacional, aquele que estabelece como constitutivo de todos os enunciados o esquema comunicativo prototípico de um EU que se dirige a um TU, de modo indiscriminado, como um pressuposto para todas as suas análises.

Nessa busca de abordar fenômenos que, assim como a aforização, não se enquadram na perspectiva comunicativa dominante do par texto/gênero, é que Maingueneau (2020) propõe os enunciados aderentes, formas de textualidade escrita contíguas e integradas a suportes com os quais mantêm uma relação recíproca de atribuição (Maingueneau, 2022a), como as palavras em objetos (xícaras, camisas...), ligadas a ambientes (placas de rua, letreiros...) ou inscritas em corpos humanos (tatuagens).

Tal categoria é elaborada para dar conta de um novo objeto híbrido, no qual as palavras e as coisas são inseparáveis (Maingueneau, 2020). Em vista disso, é que a análise desses enunciados considera invariavelmente duas sustentações: a institucional, diretamente ligada à responsabilidade do agente que os concebe, articula, controla e fixa e a ideológica, caracterizada por uma doxa, mais ou menos explícita, alimentada por interdiscursos amplos e móveis (Maingueneau, 2022a).

Tratando sobre os tipos de relação de contiguidade entre a verbalidade do enunciado aderente e o suporte, Maingueneau (2022a) caracteriza as palavras que

estão fixadas no suporte, as que são mediadas por um vetor (relação indireta) e aquelas englobadas pelos suportes (como nas placas). Isso mostra que esse conceito colocado no âmbito dos enunciados aderentes diverge do modo como o suporte foi pensado no plano da cena genérica (como a materialidade em que está inscrita a linguagem). Apesar da consideração do suporte como elemento constitutivo dos sentidos do texto já fazer parte da proposta analítica das cenas enunciativas, na perspectiva dos enunciados aderentes, isso é destacado ao ponto de que o sentido atribuído normalmente somente à linguagem passa a depender, de forma equipolente, da própria materialidade.

Outra proposta recente de Maingueneau (2022b) trata do fenômeno da multilocução, que “(...) se opera através do compartilhamento de um corpo textual: um enunciado estabilizado e memorável, em um significado fortemente estruturado pelas repetições” (Maingueneau, 2022b, p. 14, tradução nossa<sup>8</sup>). O autor exemplifica as situações em que colocutores enunciam coletivamente nos discursos políticos (juramentos e slogans), religioso (orações e cantos) e esportivo (haka, um tipo de hino esportivo cantado).

O autor defende que a multilocução produz um multilocutor (o coletivo que integra a comunidade) composto por vários colocutores, não no sentido de interlocutor/alocutário (a instância de “recepção”), mas de múltiplos e simultâneos locutores. Também, para Maingueneau (2022b, p. 14, tradução nossa<sup>9</sup>), “nessas enunciações oferecidas no espetáculo, o corpo falante amplificado não se dirige tanto

---

<sup>8</sup> (...) s’opère à travers le partage d’un corps textuel : un énoncé stabilisé et mémorable, au signifiant fortement structuré par les répétitions.

<sup>9</sup> Dans ces énonciations offertes en spectacle, le corps parlant amplifié ne s’adresse pas tant à des destinataires immédiats, en chair et en os, qu’à un surdestinataire (Bakhtine 1984 : 336-33).

aos destinatários imediatos, em carne e osso, mas a um sobredestinatário<sup>10</sup> (Bakhtin, 1984: 336-33)”.

Desse modo, da mesma forma como a aforização desestabiliza o quadro comunicacional tradicional ao propor uma relação entre um tipo específico de enunciador (o aforizador), situado em outro plano e dirigindo-se a um destinatário menos situado (um auditório universal), os enunciados aderentes, destacando mais do que a relação entre o locutor e o destinatário, enfatizam a impossibilidade de abstrair a linguagem de seu suporte. Nesse sentido, Maingueneau (2022a, p. 10) afirma que “eles [os enunciados aderentes] não são produzidos por humanos em interação”, ou seja, quem instaura o enunciado não negocia diretamente com aqueles que o interpretam. Por fim, a multilocução, que se destina, sobretudo, ao reforço do sentimento de pertencimento por parte dos colocutores a uma comunidade, centra-se na relação desses com seu destinatário não imediato, fora da situação comunicativa.

Assim, esse alargamento do horizonte de análise proposto por Maingueneau, como vimos, não contradiz o dialogismo constitutivo de Bakhtin, nem a sua proposta de primado do interdiscurso, mas vai além de um esquema comunicacional pautado ou no par texto/gênero (tradição europeia) ou nas interações conversacionais (tradição americana), o qual já se tornou, por assim dizer, prototípico, quando observamos a epistemologia dos dois agrupamentos das principais vertentes da Análise do Discurso (Maingueneau, 2017, 2020, 2022a).

## 5 A perspectiva enunciativa *standard* e a pós-dualista

Maingueneau foi constituindo sua abordagem do discurso, principalmente, no bojo das proposições de Émile Benveniste e de Michel Foucault. O primeiro autor é

---

<sup>10</sup> O sobredestinatário, no sentido bakhtiniano, refere-se a um terceiro sempre pressuposto na interação para o qual o autor do enunciado se dirige e supõe a responsividade. Pode tratar-se de um imaginado destinatário longínquo no grande tempo ou em uma metafísica (Charaudeau; Maingueneau, 2008).

considerado o precursor da chamada Linguística da Enunciação e o segundo é caracterizado, entre muitos outros aspectos, por um pensamento das instituições discursivas. Benveniste, um linguista estruturalista preocupado com o funcionamento do sistema, Foucault, um teórico das relações sociais que desconsidera uma “superfície” do discurso. É nesse entremeio que Maingueneau propõe uma abordagem do discurso como prática discursiva (Maingueneau, 2008a), a qual congrega a produção simultânea dos textos e da comunidade discursiva, sem dissociar as “ideias” de sua própria “enunciabilidade”. Em um projeto ontológico mais amplo, a filosofia de Bakhtin destaca uma unidade concreta de comunicação, o enunciado, e conceitos para abordá-la, como gênero, cronotopo, polifonia, carnavalização etc. Percebemos que a perspectiva de Maingueneau é tributária de alguns desses conceitos, em especial os de dialogismo e gênero e que, a princípio, comunga da centralidade deles para a interação.

A ausência de uma teoria que solidifique as propostas benvenistianas faz surgir interpretações que, apesar de a elas se adequarem, não deixam de reconfigurar outro quadro teórico. Desse modo, podemos perceber que o Benveniste lido pela Semiótica greimasiana funda-se, sobretudo, na parte inicial do texto “O aparelho formal da enunciação” (1989 [1970]). Contudo, conforme destaca Flores (2017), a parte final do texto apresenta casos menos comuns (o *hain-teny*, o monólogo e a comunicação fática) nos quais enunciação e diálogo não estão tão implicados, ou melhor, essa relação se configuraria de outro modo.

Reconsiderando a dimensão do sujeito (que em Benveniste é estritamente linguístico), podemos dizer que é esse outro Benveniste, o das formas complexas do discurso, que parece inaugurar, nas perspectivas da enunciação, outro movimento cujo interesse não reside em “estudar o quadro formal de realização da enunciação, mas [...] [em] questionar os limites da enunciação” (Flores, 2017). Esse intento encontra guarida atualmente na chamada corrente francófona da Análise do Discurso, de modo

especial, na proposta de Marie-Anne Paveau, da qual Maingueneau, de certo modo, incorpora alguns aspectos.

Associamos, assim, a perspectiva de Maingueneau à de Benveniste no seguinte sentido: o analista do discurso se utiliza de noções basilares do Círculo de Bakhtin, como apontam Grillo e Veloso (2007), no entanto, seu modo de operacionalizar a enunciação afasta-se, seja do monismo metodológico de Volóchinov (2019), seja da divisão Linguística/Translinguística (objeto-sentença e objeto-enunciado) de Bakhtin (2016). Como Maingueneau mesmo declara, prefere trabalhar com as categorias da enunciação funcionando no nível da língua e do discurso (Maingueneau, 2016); a nosso ver, um caminho de mediação ao modo de Benveniste.

Em seu estudo sobre as tatuagens, Paveau (2010) radicaliza sua posição pós-dualista ao reconhecer que impera uma perspectiva *standard* nos estudos enunciativos, marcada pelo binarismo (o dialogismo no sentido da relação entre duas instâncias subjetivas pressupostas em interação imediata) e pelo antropocentrismo (o papel secundário ou anulado que recebem os elementos não humanos do ambiente). Apoiada em outros estudos, como Ouellet (1984), que pensam uma enunciação “desenunciada”, Paveau propõe, a partir de seu *corpus* de tatuagens variadas, que “dizer não é necessariamente dizer a alguém, isto pode ser dito e nada mais, dizer para si ou simplesmente exprimir, marcar ou formular sua experiência, instalar uma relação com o real” (Paveau, 2010, p. 31).

Parece-nos que o que está em xeque é o tipo de relação entre enunciação e comunicação, ou seja, se essa ligação é pressuposta, como na perspectiva *standard*, ou se é adaptável, como no pós-dualismo. Tanto a tendência da leitura de Benveniste solidificada na Semiótica Discursiva, quanto a tendência bakhtiniana presente nos estudos do texto e da Análise Dialógica do Discurso encaixam-se em uma perspectiva da enunciação *standard*, isto é, uma noção de enunciação/enunciado fundada em um modelo relacional/interacional (abstrato e concreto, respectivamente) que pretende

recobrir todas as manifestações. Como explicita Maingueneau (2021b, p. 259) que adere à posição de Paveau<sup>11</sup>, “(...) é normal que um modelo de comunicação domine, porém não é adequado para explicar tudo”.

Contudo, para a tendência bakhtiniana, a interação é um pressuposto. Da mesma forma como, para a perspectiva atribuída a Bakhtin, nada na língua escapa à lógica da genericidade, não é possível também uma comunicação escapar do modelo interacional. Para este objetivo, mais viáveis e já cindidos são os desdobramentos da perspectiva benvenistiana que trata da enunciação como uma relação de níveis: comunicação (interação social concreta) e enunciado (encenação enunciativa).

## 6 Norma dialógica e o problema do (anti)representacionismo

Analisando as relações entre linguagem e mundo, Martins (2011) caracteriza três paradigmas: realista, mentalista e interacionista. Ao final do texto, a autora pontua que se pode operar uma redução teórica a dois grandes movimentos: essencialista (compreendendo os dois primeiros paradigmas) e relativista (interacional). Conforme Teixeira e Martins (2008), o representacionismo não seria uma corrente, mas uma prototeoria que, num projeto essencialista, percebe na linguagem uma função designativa de uma realidade física (realismo) ou mental (mentalismo).

O representacionismo, enquanto uma compreensão acerca da linguagem dentro de um projeto essencialista, não é definidor de discursos menos instruídos, pelo contrário, “(...) é um esforço que se pode atribuir não apenas à boa parte dos sistemas

---

<sup>11</sup> Essa aproximação que propomos entre Maingueneau e Paveau se dá considerando a compatibilidade das acepções de enunciação, conforme defendemos. Dizemos que Maingueneau adere à posição de Paveau no sentido de que a autora foi quem primeiro formulou explicitamente um ponto de vista teórico que chamou “pós-dualista” em oposição à perspectiva *standard*. Essa congregação, no entanto, torna-se frágil ao considerarmos as ferramentas com que cada teórico opera. Maingueneau, por exemplo, não tem discussões em temáticas trabalhadas por Paveau como a cognição distribuída, os pré-discursos e a ética/moral, que consideram outros pressupostos que não convergem com aqueles da abordagem do autor.

filosóficos ocidentais, mas à grande maioria das ciências” (Teixeira; Martins, 2008, p. 4).

Conforme Martins (2011) alerta, uma generalização é um risco necessário de simplificação. A figura de Ferdinand de Saussure, analisada por Teixeira e Martins (2008), é um vórtice dessas classificações. Sua denominação quanto ao paradigma seria mentalista, visto que o signo linguístico é uma entidade fono-psico-fisiológica. Assim, pertenceria aos essencialistas e, por prototipia, assimilar-se-ia aos demais representacionistas.

Contudo, o que as autoras destacam é uma flutuação entre negação e assimilação ao representacionismo no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, [1916] 2012). Negação, pois Saussure se opõe veementemente à visão nomenclatural da língua, planeja uma ciência da forma, não da substância. Contudo, as autoras pontuam situações em que o *Curso* cede a uma perspectiva representacionista sub-reptícia. Gostaríamos de citar outro exemplo, apontado por Benveniste, no artigo “A natureza do signo linguístico” ([1974] 2020), em que se questiona como a relação de arbitrariedade entre significado e significante implica uma substancialização que é contraditória com a natureza puramente linguística do signo. Benveniste defende a interpretação da relação como necessária, de interdependência.

Como apresenta Costa (2015), a herança dos pressupostos dialógicos de Bakhtin e o círculo impactou a compreensão da língua e sua relação com a história e a sociologia, sendo um marco da concepção historicizante/situada e do paradigma interacional. Junto com a repercussão das proposições da segunda fase de Wittgenstein que surgem na virada pragmática, os pressupostos dos teóricos russos marcam um movimento antirrepresentacionista nos estudos da linguagem, tendo como eixo central a síntese dialética entre as compreensões subjetivistas e as abstratas: a interação discursiva.

Se Paveau (2010), ao elencar a norma dialógica como esse pressuposto implícito nos estudos enunciativos, contraria muitos teóricos (como se houvesse uma defesa ao monologismo), Maingueneau corre o mesmo risco de ser interpretado em uma postura de oposição ao antirrepresentacionismo, logo, uma suspeita de regressão impensável ao representacionismo.

Seguindo a lógica da conclusão que Teixeira e Martins (2008) chegam sobre a oposição de Saussure a um tipo de representacionismo (não a toda prototeoria como um bloco compacto), tanto Paveau como Maingueneau deveriam ser lidos como opositores a um tipo de antirrepresentacionismo, aquele que prescreve e generaliza para toda a discursividade a interação comunicativa prototípica. Assim, a relação entre enunciação e comunicação leva-nos a uma questão de “episteme” na Linguística que não se separa das relações de poder entre as teorias discursivas.

Para Maingueneau (2008, 2015), a ciência, como um campo discursivo, é uma arena de disputas de identidades, os posicionamentos (teóricos). Essa concorrência gera zonas hierárquicas segundo as relações de dominância (Maingueneau, 2010). Tal recorte entre as diferenças de lugares enunciativos pode ser operado a partir de múltiplos critérios. Por exemplo, na Linguística, considerando a historicidade e predomínio da análise verbal, as abordagens que analisam as unidades gramaticais são tidas como mais nucleares que as abordagens de unidades hipergramaticais, usando os termos de Maingueneau (2008c).

Se pensarmos nos estudos enunciativos, a tendência que descrevemos como de linha benvenistiana-greimasiana possui um estatuto mais linguístico (além de mais formalista), portanto, mais central, enquanto a linha bakhtiniana, um estatuto mais filosófico e, por isso, mais periférico. Contudo, conforme apresentamos, os pressupostos bakhtinianos foram sendo incorporados de maneira irrefreável nos

estudos da linguagem<sup>12</sup> e, desse ponto de vista, as abordagens que os adotam possuem um estatuto mais central frente a outras que os ignorem ou os questionem.

Quanto a tal aspecto, é, portanto, de um lugar marginal no campo que enunciam Paveau e Maingueneau. Sob a égide do interacionismo, a reformulação ou adequação dos pressupostos está sob suspeita por levantar uma questão epistemológica. Contudo, para os analistas do discurso, essa bifurcação entre o dado e a revisão não deveria constituir um problema teórico tão espinhoso, já que não é comum nessa área buscar um quadro metodológico estável e uniforme em que, posteriormente, serão encaixados os dados do discurso.

## 7 Considerações finais

Tendo em vista a dispersão de uma teoria nos textos de Maingueneau, compreendemos que é trabalhosa a restituição de um panorama de suas ideias. É notável que o dialogismo seja uma noção fundante da sua perspectiva e que o gênero constitua um aspecto central de sua análise das cenas enunciativas, no entanto, seus textos mais atuais não se restringem a esses limites teóricos. A dificuldade, então, é estabelecer, em um movimento retrospectivo, a construção de uma rede teórica adaptável às novas percepções da discursividade, sem contradizer uma prototípia.

Apesar de propor novos conceitos que não se adequam à lógica genérica para dar conta dos dados das aforizações, dos enunciados aderentes e das multilocuções, o autor não descarta a utilidade da noção no âmbito da maior parte dos textos institucionais. Tampouco, ao complexificar as relações entre as instâncias enunciativas, o autor contesta o princípio constitutivo de dialogicidade da linguagem e um esquema mais rotineiro de interação.

---

<sup>12</sup> É notável o interesse que pesquisadores como Fiorin, da semiótica, e Faraco, da sociolinguística, compartilham pelo fomento das leituras do círculo de Bakhtin.

Dessa maneira, o quadro teórico de Maingueneau parece estar em uma constante ampliação, mas não em uma reformulação das bases, como se fossem propostas seccionadas. Na verdade, a compreensão da heterogeneidade do discurso, segundo defende o autor francês, seria necessária para garantir que a análise do discurso possa produzir ferramentas capazes de apreender a diversidade dos fenômenos segundo as próprias mudanças das práticas discursivas (Maingueneau, 2022a).

É curioso que Maingueneau destaque que, “(...) na França, Bakhtin é uma referência teórica integrada a várias vertentes. Não tem uma análise do discurso especificamente bakhtiniana” (Maingueneau, 2021b, p. 212). Já, para nós, isso parece impactar na recepção dessas novas propostas de Maingueneau no Brasil, lugar em que atribuir um limite à perspectiva bakhtiniana pode ser problemático, visto que existe uma comunidade de teóricos que irão defender seus pressupostos como gerais da chamada Análise Dialógica do Discurso.

Por isso, é possível entender que, mesmo contestando pressupostos generalizados, como o de gênero e o do dialogismo interacional, o autor acredita que, em sua abordagem, “não há nenhuma incompatibilidade teórica com alguns autores como Bakhtin (...)” (Maingueneau, 2021c, p. 256), já que suas propostas apenas lhe designam um campo de validade delimitado, reconhecendo-lhe também a prototipia. Já do ponto de vista dos chamados bakhtinianos, essa leitura possivelmente venha a constituir uma incompatibilidade teórica e gere uma suspeita de uma contestação ao antirrepresentacionismo.

Maingueneau reconhece: “(...) talvez o que se torna mais específico sobre a forma como pratico a análise do discurso é que tenho uma visão muito empírica sobre ele [o discurso]. Fabrico conceitos para categorizar e analisar os fenômenos” (Maingueneau, 2021c, p. 256). Dessa forma, sua abordagem está para além de um compromisso com um teórico em particular, visto que o diálogo com esses ocorre na

medida necessária para analisar pontos que as próprias manifestações do discurso suscitam. Costa (2005) já delineava o princípio metodológico de uma quarta fase da AD (centrado no primado da prática) como de “rejeição às perspectivas que ‘calam’ o objeto empírico mediante grades analíticas, estatísticas, dispositivos formais, etc. (...)” (COSTA, 2005, p. 45). Em síntese, o objeto (que também é metodologicamente construído, mas possui uma existência concreta na prática discursiva) tem primazia sobre uma pretensão de construir um aparato teórico universal.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARONAS, R. L; PONSONI, S. Uma análise de discurso de base enunciativa: notas de leitura sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 83-107, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48527>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48527>
- BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria Glória Navak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas: Pontes, [1974] 2020.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, [1970] 1989.
- CAVALCANTI, J. R. A presença do conceito gêneros de discurso nas reflexões de D. Maingueneau. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 2, p. 429-448, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/sLTF9bNYJjrG7XfjQq6xVZN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/S1518-76322013000200011>
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, N. B. O primado da prática: uma quarta época para a análise do discurso. *In*: COSTA, N. B. (org.). **Práticas Discursivas: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes Editores, p. 17-47, 2005.

COSTA, N. B. Dialogismo e análise do discurso - alguns efeitos do pensamento Bakhtiniano nos estudos do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**. v. 15, n. 2, 2015, p. 321-335. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/f8sNQdhVkrfznwWDYnZXFkb/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150207-1215>

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

FLORES, V. N. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola, 2017.

GRILLO, S. V. C; VELOSO, S. R. A. Diálogos entre Maingueneau e o Círculo de Bakhtin. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n. 9, p. 229-251, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59782>. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p229-250>

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Parábola: São Paulo, 2008a.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Diversos tradutores. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, D. A unidade da lingüística. **Calidoscópico**, n. 6, v. 3, 2008c. 160-163. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5259>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.4013/cld.20083.06>

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, tradução de Adail Sobral *et. al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. (ampliada). São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et. alli. Parábola: São Paulo, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. Parábola: São Paulo, 2015.

MAINGUENEAU, D. Énonciation et analyse du discours. **Corela**, HS-19, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/4446>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.4000/corela.4446>

MAINGUENEAU, D. The heterogeneity of discourse: expanding the field of discourse analysis. **Palgrave Commun**, v. 3, n. 17058, 2017. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/palcomms201758>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.1057/palcomms.2017.58>

MAINGUENEAU, D. Os Enunciados Aderentes. **DELTA**, v. 36, n. 3, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/J3zZSJpzLnFLLRrn8jh6hgp/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/1678-460x2020360302>

MAINGUENEAU, D. Aux limites de l'analyse du discours. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e336, 2021a. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/336>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id336>

MAINGUENEAU, D. *et. al.* Entrevista com Dominique Maingueneau: análise de discurso francesa no Brasil e na França e o discurso sobre violência. **EntreLetras**, v. 12, n. 1, p. 211-219, 2021b. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/12331>. Acesso em: 12 jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2021v12n1p211-219>

MAINGUENEAU, D. *et. al.* **Dominique Maingueneau**: questões teóricas para análise discursiva na comunicação: cenografia e ethos [Entrevista]. **Organicom**: revista brasileira de comunicação organizacional e relações públicas, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 253-271, 2021c. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230960>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.186368>

MAINGUENEAU, D. **Enunciados aderentes**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2022a.

MAINGUENEAU, D. Les multilocuteurs. **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 29, 2022b. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/6765>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.4000/aad.6765>

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. *In*: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OUELLET, P. La désénonciation: les instances de la subjectivité dans le discours scientifique. **Protée**, n. 12, v. 2, p. 43-53, 1984.

PAVEAU, M.-A. Uma enunciação sem comunicação: as tatuagens escriturais. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 6–41, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638829>. Acesso em: 20 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.20396/rua.v16i1.8638829>

PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**, v. 16, n. 32-33, P. 35-48, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303974877.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29782>

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

TEIXEIRA, E. N; MARTINS, H. F. Curso de Linguística Geral: reação e adesão à perspectiva representacionista. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_curso\\_de\\_linguistica\\_geral\\_reacao\\_e\\_adexao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_curso_de_linguistica_geral_reacao_e_adexao.pdf). Acesso em: 20 maio 2023.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad., notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.